

MARY SHELLEY E A CRÍTICA DA DESOBEDIÊNCIA PROMETEICA EM *FRANKENSTEIN*¹

MARY SHELLEY AND THE CRITICISM OF PROMETIC DISOBEDIENCE IN *FRANKENSTEIN*

Mellyssa Coêlho de Moura²
Orlando Luiz de Araújo³

RESUMO: Neste artigo, analisamos a crítica à transgressão apresentada por Mary Shelley, em *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Presente nos relatos gregos de Hesíodo e Ésquilo, Prometeu é enaltecido pelos românticos do século XIX, que buscam nele o símbolo idealizado da liberdade. Contudo, Mary Shelley (1818) propõe a crítica aos excessos dessa entidade glorificada pelas suas transgressões. Dito isso, pretende-se analisar a reminiscência prometeica em Shelley como uma forma de crítica à busca excessiva ao conhecimento pela transgressão. Para isso, será delineada uma análise comparativa entre Hesíodo e Ésquilo, acrescida das contribuições de Dougherty (2006) e Alves (2016), almejando mostrar o desvio de Shelley, em relação à representação prometeica dos demais poetas de sua época.

Palavras-chave: Prometeu. Mary Shelley. *Frankenstein*. Crítica. Transgressão.

ABSTRACT: In this study we analyze the criticism of transgression presented by Mary Shelley in *Frankenstein or the modern Prometheus*. Prometheus is firstly presented in the Greek poems of Hesiod and Aeschylus, being praised by the romantics of the 19th century as the idealized symbol of freedom. However, the romantic writer Shelley proposes a critique of this entity glorified by his transgressions and excesses. Thus, we intend to analyze the Promethean reminiscence in Shelley as a form of criticism of the excessive seek for knowledge through transgression. A comparative analysis between Hesiod and Aeschylus will be outlined, relying on the contributions by Dougherty (2006) and Alves (2016), aiming to show Shelley's deviation of the other romantic poets through her Promethean representation.

Keywords: Prometheus. Mary Shelley. *Frankenstein*. Criticism. Transgression.

¹ Artigo recebido em 21 de abril de 2020 e aceito em 25 de junho de 2020. Texto orientado pelo Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo (Universidade Federal do Ceará). O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

² Mestranda do Curso de Letras (Literatura Comparada) da Universidade Federal do Ceará.

³ Doutor em Letras Clássicas. Professor do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Ceará.



INTRODUÇÃO

Não ajude os mortais além do justo, e não descuideis da tua má sorte.

(Ésquilo)

A figura mítica de Prometeu permanece viva mesmo após eras de seu confinamento no rochedo na Cítia, especialmente na mente dos poetas e escritores. O titã se tornou símbolo da liberdade do indivíduo e da luta contra a tirania, condição essa que lhe foi atribuída devido ao seu maior feito contra os deuses: a desobediência à ordem direta do supremo Zeus, por meio do roubo do fogo proibido. A transgressão foi devidamente justificada como necessária para o benefício dos mortais, sendo a humanidade então nascida e criada a partir da desobediência.

Um dos poucos personagens que ousou afrontar uma divindade superior, Prometeu é descrito primeiramente por Hesíodo (VIII-VII a.C.), em *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia*, como o ludibriador de Zeus, pai dos homens e líder dos deuses, por ter lhe enganado em um sacrifício, induzindo-o a escolher ossos disfarçados na melhor parte da carne. Como punição para essa trapaça, o filho de Cronos ocultou o fogo dos mortais, a fim de que a criação favorita de Prometeu padecesse. Tal sofrimento humano levou o titã ao novo ato de transgressão, o roubo do fogo proibido do Olimpo e sua repartição aos homens, que só então foram capazes de se constituírem como indivíduos no mundo, levando em consideração a representação desse elemento como “símbolo sensível da cultura” (JAEGER, 1995, p. 287).

Para o poeta, Prometeu representa a transgressão à autoridade dos deuses, justificando-se, assim, seu epíteto “Prometeu de curvo pensar” (HESÍODO, 2012, p. 65, v. 48), de pensamento oblíquo, tortuoso, imprevisível, que foge à própria lei divina. O mito do titã descrito por Hesíodo adverte sobre os riscos da arrogância e da desmedida, ao mesmo tempo em que trata dos perigos do pensamento e do excesso de ambição, representados por meio da superestimação dos próprios poderes contra o de uma entidade superior, responsável por reger o mundo, de acordo com suas leis. Temos, então, que, em Hesíodo, Prometeu é o prevaricador, que rouba o fogo numa atitude de puro acinte, “apenas para se opor à reação de Zeus perante o logro em que o titã o tinha feito cair” (SOTTOMAYOR, 2001, p. 139).

Hesíodo avisa que ninguém escapa da punição da desobediência. A sua apresentação do titã o retrata não apenas como o benfeitor da humanidade, mas como o transgressor das leis divinas. Dessa forma, Prometeu é apresentado como aquele que padeceu devido à sua desobediência e arrogância perante os deuses. Mais do que isso, o poeta transmite o ensinamento de uma



mensagem clara: não se deve ir contra as ordens dos seres superiores, pois o resultado culmina em terríveis angústias, sendo toda desobediência passível de castigos:

Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus
pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu
escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção
apesar de multissábio a grande cadeia o retém. (HESÍODO,
2007, p. 135, v. 613-616)

Contrastante ao relato hesiódico, Ésquilo (V a.C.) ilustra, no mito de Prometeu, não somente as consequências e o castigo por essa desmedida prometeica, mas também os benefícios trazidos aos mortais pela transgressão. O dramaturgo aparenta justificar o ato do titã, que desobedece não simplesmente pelo prazer do ato, ou para reforçar sua característica de trapaceiro, mas que comete a *hybris* em favor dos mortais e de sua sobrevivência e composição como indivíduos.

A figura mitológica de Prometeu, constituída pelos relatos gregos de Hesíodo e Ésquilo, serve como grande fonte de inspiração literária para os autores românticos do século XIX, que buscam no titã, ladrão do fogo e criador da humanidade, o símbolo idealizado da liberdade. No entanto, a escritora inglesa Mary Shelley (1818) se opõe a essa idealização, ao propor uma crítica aos excessos dessa entidade glorificada pelas suas transgressões. Dito isso, almeja-se refletir sobre sua representação prometeica em *Frankenstein ou o Prometeu moderno*, de forma a analisar a reminiscência do titã, em Shelley, como uma forma de crítica à busca excessiva ao conhecimento pela transgressão. Para isso, será delineada uma análise comparativa entre as narrativas dos poetas gregos Hesíodo e Ésquilo, acrescida das contribuições de Dougherty (2006), Alves (2016) e outras, ambicionando mostrar o desvio de Mary Shelley, em relação à representação prometeica dos demais poetas românticos de sua época.

A HYBRIS DO PROMETEU ACORRENTADO

Considerando-se o roubo do fogo por Prometeu com um dos primeiros exemplos de desobediência, tem-se que o ato cometido caracterizava-se como *hybris*. Desobedecer e cometer uma *hybris* significava ultrapassar os limites da medida de cada um, causando um desequilíbrio e acarretando posteriormente



uma punição: "Com este termo, intraduzível para as línguas modernas, os gregos entenderam qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas" (ABBAGNANO, 1970, p. 495).

Quando Prometeu passa da sua medida, que diz respeito à afronta direta à decisão de Zeus, ele recebe seu infortúnio como forma de compensação e retorno ao equilíbrio. Sendo analisada a fundo, tal concepção pode acabar por reforçar o ideal de submissão necessário para a manutenção da ordem. Uma vez que a desobediência caracterizava-se como um ato tal que significava ultrapassar sua medida, causando assim desestabilidade e desequilíbrio, a *hybris* era severamente evitada por todos que temiam sua punição. Ésquilo, na sua tragédia *Os persas*, aborda com excelência o pecado da *hybris*, ao refletir que a "soberbia, ao florescer, colhe a espiga / de erronia, onde a safra será de lágrimas" (ÉSQUILO, 2009, p. 99, v. 821-822).

No entanto, Ésquilo localiza o mito de Prometeu dentro de um conflito maior entre Zeus e o titã, referindo-se também ao resultante do ato de rebeldia: o progresso do indivíduo de sua condição primitiva ao seu estado de civilização cultural. Ao mostrar que Prometeu tinha plena consciência de seus atos, "Por vontade, por minha vontade errei, não negarei. / Por ajudar os mortais, eu mesmo inventei essas penas" (ÉSQUILO, 2018, p. 30, v. 266-267), sabendo que sua paixão pelos mortais significaria uma violação da ordem imposta pelos deuses, a ótica da transgressão muda de perspectiva. Em vez de ser considerado um infrator digno de punição, o titã passa a ser o rebelde responsável pela constituição da humanidade, ato que serve, então, como justificativa para sua desmedida contra seu superior.

Ainda assim, apesar de elevar a característica rebelde de Prometeu, o dramaturgo parece deixar, nas estrelinhas, sua crítica ao ato de Prometeu, ao caracterizá-lo como um erro. Tal afirmação sustenta-se na fala de alguns dos personagens da tragédia, tal como Crato, personificação do Poder, que, logo no início da peça, justifica o acorrentar do titã ao monte Cáucaso, pois "por tal erro, / ele deve pagar sua pena aos deuses" (ÉSQUILO, 2018, p. 19, v. 8-9). O erro do titã é ainda mencionado por Crato como um ato de insolência, de desaforo à entidade superior de Zeus. Seu erro foi ter roubado um privilégio divino, contra as ordens regentes, e além disso distribuí-lo aos que não eram tidos como merecedores: "Agora aqui sê insolente e os privilégios dos deuses / rouba e entrega aos efêmeros" (ÉSQUILO, 2018, p. 23, v. 82-83).

Hefesto, o responsável por acorrentar o titã ao seu castigo eterno, também condena a transgressão de Prometeu: "És um deus, não tremeste diante da cólera dos deuses" (ÉSQUILO, 2018, p. 30, v. 291). Com isso, Ésquilo mostra ao leitor que, apesar do ato louvável de Prometeu e de sua benevolência para com a raça inferior dos mortais, sua desobediência não deixa de ser passível



de crítica. Mesmo justificando o fim de seus atos, os meios utilizados não deixam de ser uma violação direta da lei natural de Zeus.

“Por estes erros pago com minhas dores” (ÉSQUILO, 2018, p. 24, v. 112). Prometeu parece admitir que, embora tenha agido conscientemente, isso não o impede de considerar o ato cometido como um erro de sua parte. Ésquilo aparenta trazer, nas entrelinhas, a sua crítica contra a arrogância e a desobediência do titã, ao causar um desequilíbrio que antes era mantido pela ordem proposta por Zeus. Prometeu chega a admitir que sua atitude foi ousada (ÉSQUILO, 2018, p. 28, v. 235), e declara: “(...) por isso estou submetido a tais sofrimentos, / a sofrer com dores e a conhecer lástimas; por ter sido piedoso aos mortais” (ÉSQUILO, 2018, p. 28, v. 237-238). Além disso, ele também menciona que, mesmo tendo beneficiado os mortais, essa atitude em si não trouxe nenhum benefício para ele, apenas sofrimento e lamúria: “Após ter inventado tais artifícios, infeliz de mim, / para os mortais, eu mesmo não tenho um invento / com que me livre do presente sofrimento” (ÉSQUILO, 2018, p. 37, v. 471-473).

Em certos momentos da peça, o Coro também parece criticar a transgressão de Prometeu quando o repreende, afirmando que ajudar os mortais foi um erro: “Não vês que / erraste? Para mim, não tenho prazer em dizer que erraste / e que para ti é doído” (ÉSQUILO, 2018, p. 29, v. 259-261). Mesmo que demonstrando empatia pelo sofrimento de Prometeu e censurando a atitude condenatória de Zeus como exagerada e injusta, nessa passagem da tragédia, o coro reforça o caráter errôneo da ação de Prometeu, reiterando a crítica a sua transgressão das leis divinas.

Além disso, Oceano também apresenta uma crítica à *hybris* de Prometeu, que envolve ainda a sua arrogância frente ao castigo de Zeus: “Porém, do excesso de soberba / da língua, Prometeu, nasceram tais punições” (ÉSQUILO, 2018, p. 31, v. 318- 319). Hermes também compartilha do mesmo pensamento: “A arrogância de quem não pensa bem / ela em si mesma, tem força maior que nada” (ÉSQUILO, 2018, p. 58, v. 1012-1013). Nota-se que ainda há certo julgamento perante a atitude orgulhosa de Prometeu, de zombar de seu castigo a todo instante, o que também ressoa sua arrogância e seu descaso com a figura do regente Zeus.

Além da crítica, Ésquilo propõe uma lição, mediante o aprendizado pela observação. A punição de Prometeu serve como modelo, exemplificando as severas consequências que acompanham os que se impõem contra os desígnios do Cronida. Tal comprovação fica clara no comportamento do Coro, uma vez que ele fica ciente dos castigos que provém da desobediência das ordens diretas de Zeus: “Aprendi isto a contemplar tuas / funestas sortes, Prometeu” (ÉSQUILO, 2018, p. 40, v. 553-554). Oceano também deixa claro aprender, mediante as penas de Prometeu, a extensão da fúria de Zeus: “A tua desventura, Prometeu, é minha professora” (ÉSQUILO, 2018, p. 34, v. 391). O



dramaturgo propõe uma reflexão sobre a severidade do castigo imposto por Zeus, mas sem deixar de expressar uma crítica ao descumprimento das leis e de suas consequências. No final, fica apenas o ensino: “Não ajude os mortais além do justo, / e não descuideis da tua má sorte” (ÉSQUILO, 2018, p. 38, v. 507-508).

O poeta reimagina o mito de Prometeu, apresentando-o como aquele que foi contra o regimento autoritário e injusto de Zeus, “por ter oferecido um privilégio / aos mortais” (ÉSQUILO, 2018, p. 24, v. 108-107). Com isso, Ésquilo propõe não somente o compadecimento das dores do herói que buscou salvação para a humanidade, mas permite a reflexão sobre o comportamento transgressor e a arrogância de Prometeu, que também não deixa de ser passível de crítica.

RELEITURAS PROMETEICAS

A partir de então, as releituras prometeicas baseiam-se principalmente na proposta de Ésquilo e de sua reflexão acerca do comportamento rebelde de Prometeu, que se rebelou tão somente para o bem dos mortais, apiedando-se de seus males e presenteando-lhes com todas as artes necessárias à sua sobrevivência. Ao relatar a lamúria e a persistência do titã, em sofrer suas penas já previstas pela sua *hybris*, em benefício do homem, o poeta entrega ao mundo contemporâneo o símbolo de liberdade que se perpetua através dos tempos. A desobediência de Prometeu é a chave para a constituição da liberdade do homem no mundo.

Dessa forma, ressalta-se o quanto o mito prometeico atua como uma extraordinária fonte literária. Frassen (2014), em seu trabalho de mapeamento da figura prometeica intitulado *Prometheus through the ages*, aponta que, apesar de todas as diferenças significativas entre suas narrativas, Hesíodo e Ésquilo instituíram juntos o mito antigo de Prometeu, que fornece aos poetas posteriores uma ampla fonte imaginativa. O mito do titã contém um conjunto de componentes e temas principais, que fazem com que sua estrutura possua uma flexibilidade extraordinária, explicando a razão pela qual, nos séculos seguintes, muitos filósofos, artistas e escritores se apegam a esse mito para contar seus próprios (FRASSEN, 2014).

Devido a isso, o mito de Prometeu engloba as mais diversas interpretações sobre a constituição do indivíduo. Analisando o fogo análogo ao conhecimento divino, é apenas pela desobediência do titã que os mortais adquirem o conhecimento necessário para a manutenção de sua sobrevivência. E, assim, as gerações ressignificam o ladrão dos deuses como benfeitor da humanidade. Como Vernant (2008) ilustra, Prometeu é o único que está equipado para duelar em astúcia com Zeus, a ponto de desafiá-lo. Dessa forma, a rebelião do titã passa a ser



de caráter totalmente heroico e altruísta, transformando-o em um símbolo de resistência e liberdade.

Anos à frente, a figura prometeica ainda se perpetua. Em especial, são os poetas românticos do século XVIII que viram no titã o ideal de liberdade máxima, apegando-se às características rebeldes de Prometeu. Nas suas diversas releituras, a referência prometeica representa também os questionamentos em relação ao mundo político contemporâneo. O ato transgressor do titã é reinterpretado como ato de resistência e bravura, que é transmitido à humanidade juntamente com o fogo. A sua revolta destaca também a força revolucionária da humanidade. Os românticos aclamam a revolta de Prometeu, que se reflete nos indivíduos como forma de resistência contra toda e qualquer forma de tirania.

Todavia, é importante ressaltar as consequências resultantes desse ato de transgressão:

(...) com um verdadeiro presente, uma relação é estabelecida entre duas partes, o doador e o receptor, mas com um presente roubado, uma terceira parte, o proprietário original, emerge. Isso levanta questões importantes sobre o relacionamento entre o proprietário original e o destinatário - nesse caso, entre Zeus e a humanidade. Até que ponto a humanidade está implicada no crime de Prometeu contra Zeus? Se um presente foi roubado, seu destinatário pode se libertar de suas origens na violência? (DOUGHERTY, 2006, p. 18)⁴

As consequências maléficas para a humanidade também merecem destaque, embora talvez esquecidas, em especial pelos poetas românticos do século XVIII, que viram no titã o ideal de liberdade máxima, apegando-se às características rebeldes de Prometeu.

⁴ No original: "(...) with a true gift, a relationship is established between two parties, the donor and the recipient, but with a stolen gift, a third party, the original owner, emerges. This raises important questions about the relationship between the original owner and the recipient – in this case, between Zeus and mankind. To what extent is mankind implicated in Prometheus' crime against Zeus? If a gift has been stolen, can its recipient ever release itself from its origins in violence?" (As traduções das citações apresentadas neste artigo são de nossa autoria).



O PROMETEU ROMÂNTICO

Em seu artigo *Romantic Prometheus and the molding of Frankenstein*, Barnett (2018) desenvolve uma análise complementar de como Frankenstein se envolve com a figura de Prometeu. A pesquisadora afirma que, longe do simples uso da referência prometeica por intelectualidade, os autores do Romantismo viam na figura de Prometeu o símbolo de suas ideias e filosofias: “Para os românticos mais jovens do círculo de Shelley, a literatura e mitologia pagãs não eram meramente marcadores de erudição tradicional ou de ornamentação estilística, mas uma característica fundamental de seus projetos filosóficos, políticos e estéticos” (BARNETT, 2018, p. 76).⁵

Bloom afirma que “Nenhum escritor romântico empregou o arquétipo de Prometeu sem uma consciência completa de suas potencialidades ambíguas” (BLOOM, 1965, p. 1)⁶. Para o teórico, o Prometeu da Antiguidade tinha sido, em grande parte, uma figura repreensível, embora frequentemente simpaticante, tanto pela sua situação dramática e piedosa, quanto por sua aliança com a humanidade. No entanto, essa aliança tornou-se um símbolo de ruína para o homem, que também sofreu dos castigos providos do fogo. A benevolência do titã, ao que parece, não era recompensa suficiente para o homem, que descobrira a dor e o sofrimento pela sua bondade (BLOOM, 1965).

Dougherty (2006), na sua análise da perpetuação da figura de Prometeu até a contemporaneidade, observa que, durante o período romântico, é o duplo papel de Prometeu como criador da humanidade e desafiador das leis operantes que penetra na imaginação de poetas e escritores europeus. Durante o século XIX, Prometeu e sua visão criativa da humanidade foram fundamentais para a própria questão da escrita criativa, defendida veemente pelos principais poetas da época: “Para Goethe, Byron e os Shelleys, Prometeu foi, ao mesmo tempo, o rebelde contra a autoridade, o símbolo do sofrimento humano, e o criador da humanidade – foi a riqueza de Prometeu como um arquétipo mítico que fez tudo isso possível” (DOUGHERTY, 2006, p. 92).⁷

Especialmente para Percy Shelley, a figura política do titã é utilizada de forma a provocar a reflexão sobre a perpetuação da tirania. Em sua obra *Prometeu desacorrentado*, Shelley propõe a libertação de Prometeu das

⁵ No original: “For the younger Romantics of the Shelleys’ circle, pagan literature and mythology were not merely markers of traditional erudition or stylistic window-dressing but a fundamental characteristic of their philosophical, political, and aesthetic projects.”

⁶ No original: “No Romantic writer employed the Prometheus archetype without a full awareness of its equivocal potentialities.”

⁷ No original: “For Goethe, Byron, and the Shelleys, Prometheus was at once the rebel against authority, the symbol of human suffering, and the creator of mankind – it was the richness of Prometheus as a mythic archetype that made all this possible.”



amarras de seu opressor. Diferentemente de Ésquilo, Shelley imagina a fuga da instituição tirânica mais do que como mero lamento sobre seus percalços e limitações (DOUGHERTY, 2006). O simbolismo do Prometeu de Shelley também vai além do âmbito político, evocando a imagem da libertação do titã para representar a liberação do poder criativo do indivíduo, restaurando sua liberdade imaginativa.

Contudo, em meio à idolatria do Prometeu rebelde, temos o *Prometeu moderno* de Mary Shelley. Mudam-se as eras, evoluem-se os deuses e as entidades dominantes e controladoras do indivíduo e, especificamente na virada do século XVIII para o XIX, a transgressão do indivíduo passa de divina a natural. Surge assim um novo Prometeu, Victor Frankenstein, o cientista que desobedece às leis da natureza, transgredindo seus limites. Para o personagem principal da obra de Shelley, a condição de mortalidade do ser humano deveria ser ultrapassada, primeiramente por meio da sua aniquilação, e posteriormente até com a ressurreição daqueles que padeceram dessa condição. Dessa forma, como cientista ávido, Frankenstein acredita estar fadado a ser o responsável por trazer a luz da vida ao mundo que se finda, na escuridão da morte: "(...) vida e morte me apareciam como limites ideais, que primeiro devia transpor, para lançar uma torrente de luz em nosso mundo de trevas" (SHELLEY, 2016, p. 77).

Tendo sido apresentado à morte primeiramente por meio do padecimento de sua mãe, Victor refletia constantemente sobre a natureza da vida, questionando-se acerca de onde "provinha o princípio de vida" (SHELLEY, 2016, p. 75). Tais reflexões resultam no descobrimento da centelha da vida, o que permite que Frankenstein aproprie-se do papel natural de criador e dê vida a uma criatura racional, para logo após abandoná-la no mundo. É esse ato egoísta de abandono um dos diferenciais de seu Prometeu aos de Byron e Shelley e, "além disso, a principal razão pela qual o personagem de Mary Shelley e as interpretações prometeicas de seus colegas se diferem inteiramente se baseia no fato de Victor Frankenstein não ser um herói" (CORBEAU, 2013, p. 99)⁸.

Diferentemente de seu marido, Mary Shelley "olhou para os aspectos criativos da figura de Prometeu para fazer perguntas importantes sobre os limites da imaginação artística e científica" (DOUGHERTY, 2006, p. 109-110).⁹ A complexidade e a dualidade do titã, símbolo da libertação e do sofrimento humano, são trabalhadas por Shelley, de forma a suscitar uma ambiguidade moral, característica essa que diferencia seu romance dos demais escritores românticos. Enquanto idealizado pela sua transgressão e rebeldia, em *Frankenstein ou o*

⁸ No original: "Moreover, the main reason why Mary Shelley's character and her friends' interpretations of Prometheus entirely differ rests on the fact that Victor Frankenstein is not a hero."

⁹ No original: "(...) looked to the creative aspects of Prometheus' persona to ask important questions about the limits of the artistic and scientific imagination."



Prometeu moderno, a autora propõe o oposto, uma análise moral desse criador e da extensão de suas atitudes para a humanidade.

Frankenstein ou o Prometeu moderno traz em seu bojo questões referentes às implicações da transgressão do papel de criador, e das consequências pertinentes para a criação resultante e para todos os que se deparam com ela em seu caminho. Victor Frankenstein é o responsável pela descoberta da centelha da vida, sendo capaz de pôr existência em um corpo inanimado, feito de retalhos humanos. Victor ocupa o cargo onipotente de deus e desafia as leis divinas, assim como o subtítulo da obra sugere, tornando-se, assim, descendente de ladrão do fogo Prometeu. Em sua apropriação do mito, Shelley apresenta ao leitor não apenas sua modernização do titã, mas a ótica da criatura plasmada por esse criador, reforçando o tema da transgressão e da responsabilidade.

Alves (2016) afirma que, a partir do momento em que Mary Shelley apresenta seu romance aludindo-se ao nome de Prometeu, ela evoca o significado perpetuado e estabelecido por esse mito. Ao apresentar o titã não no título principal de sua obra, mas no seu subtítulo, a autora avisa ao leitor que seu romance não será uma extensão do mito, mas sim uma adaptação feita a partir de sua alusão. Tendo como ponto de partida o mito de Prometeu, Shelley "insere Frankenstein na tradição dos mitos de criação" (ALVES, 2016, p. 42)¹⁰, também oferecendo uma nova versão de Prometeu, graças a seu vasto campo de alusões clássicas. Barnett (2018) compartilha da mesma visão, concluindo:

Então, quando MWS afixa o subtítulo "ou, o *Prometeu Moderno*" em *Frankenstein*, ela convida seus leitores a considerarem um estoque diverso e às vezes contraditório de alusões prometeicas, ambas antigas e contemporâneas. Prometeu foi o criador da humanidade, seu salvador ou seu destruidor? Ele moldou os humanos para que eles sofressem, ou ele tenta amenizar seus sofrimentos nas mãos de uma divindade inconstante e tirânica que os criou? As invocações e alusões prometeicas de MWS, coloridas pelos tratamentos às vezes contraditórios oferecidos por sua família e colegas, necessariamente colorem nossa compreensão do

¹⁰ No original: "(...) inserts Frankenstein into the tradition of creation myths."



relacionamento entre Victor e a criatura, entre criador e destruidor. (BARNETT, 2018, p. 86)¹¹

Shelley parte da Antiguidade para situar esse novo Prometeu que não se apropria mais do fogo, mas que promove a superação frente às leis naturais, e cuja *techné* se transmite por meio de experimentos científicos e da dominação da natureza. A nova criatura, fruto dessa transgressão, nasce, então, do cientificismo, e não mais do barro, sendo plasmada à luz da ciência. Por ter trazido a dominação da natureza, Prometeu caracteriza-se como o precursor da cientificidade; e é a reconfiguração do mito original, em um novo contexto industrial e tecnológico, que faz de *Frankenstein* um trabalho único. Dessa forma, temos que “O Prometeu moderno apresenta-se como antevisão de um apocalipse científico, muito do feitio da autora, que se considerava capaz de prever o futuro. O Prometeu moderno de Mary Shelley é o castigo ao homem por sua pretensão de desvendar o segredo da vida” (GAMA, 1996, p. 138).

Em relação à figura dos criadores, várias são as semelhanças entre o titã Prometeu e o cientista criado por Shelley, principalmente com a figura do titã delineada por Ésquilo. Por meio da transgressão da ordem natural, ambos almejam desafiar as leis regentes em busca de um conhecimento proibido. Como justificativa, ambos acreditam estar ajudando a humanidade com sua benevolência. Prometeu queria dar aos homens a iluminação necessária para afastar seus males, Victor queria extinguir as maiores aflições dos seres humanos.

No entanto, Victor é apresentado como um “herdeiro contemporâneo e científico da arrogância transgressora prometeica” (RIBEIRO, 2019, p.10). Embora diga constantemente para si mesmo que busca o bem da humanidade e o fim de sua submissão às ordens naturais de vida e morte impostas pela natureza, o cientista deseja apenas usurpar o papel dominante. As aspirações de Victor limitam-se em submeter a humanidade a um novo tipo de ordem, regido por ele e por seu cientificismo. Dessa forma, ele seria uma nova entidade dominante, razão pela qual todos deveriam reverenciá-lo: “(...) uma nova espécie me abençoaria seu como criador e sua origem; muitas criaturas felizes e excelentes iriam dever a existência a mim. Nenhum pai reivindicaria a gratidão de um filho tão completamente quanto eu mereceria a delas” (SHELLEY, 2017, p. 77).

¹¹ No original: “So when MWS affixes the subtitle “or, the Modern Prometheus” to *Frankenstein*, she invites her readers to consider a diverse and sometimes contradictory storehouse of Promethean allusions, both ancient and contemporary. Was Prometheus the creator or humankind, its savior, or its destroyer? Did he craft humans so that they might suffer, or does he endeavor to alleviate their suffering at the hands of a fickle and tyrannical deity who created them? MWS’s Promethean invocations and allusions, colored by the sometimes contradictory treatments offered by her family and peers, necessarily color our understanding of the relationship between Victor and the creature, between creator and destroyer.”



Em muitas passagens do romance de Shelley também são perceptíveis as semelhanças quanto à punição pela transgressão das leis divinas. O castigo de Victor por muitas vezes ecoa o de Prometeu, sendo narrado de forma a suscitar no leitor empatia e piedade com sua situação de desgraça, após o ato de transgressão e abandono de sua criação:

Mas sou uma árvore destruída; a flecha atravessou minha alma; e eu sentia então que deveria sobreviver para exibir o que eu logo deixaria de ser – um miserável espetáculo de humanidade aniquilada, lastimável para os outros e odioso para mim mesmo. (SHELLEY, 2016, p. 231)

Por que não morri? Mais infeliz que qualquer homem antes, por que não mergulhei no esquecimento e no repouso eternos? (SHELLEY, 2016, p. 253)

De que material era feito para resistir assim a tantos choques que, como o girar da roda, renovavam continuamente a tortura? Mas estava condenado a viver (...). (SHELLEY, 2016, p. 255)

Olhai com quais ultrajes
sou dilacerado e que por incontáveis
anos enfrentarei. (ÉSQUILO, 2018, p. 23, v. 93-95)

Ai! Ai! O presente e o futuro
sofrimento lamento. De que modo um dia
deve se cumprir o fim desses sofrimentos? (ÉSQUILO, 2018, p. 23, v. 98-100)

Por ajudar os mortais, eu mesmo inventei essas penas
Sem dúvida, não imaginava dores desse tipo (ÉSQUILO, 2018, p. 30, v. 267-268)

Vendo-se castigado devido ao abandono da sua criação, Victor não teme a morte, mas a perpetuação de seus sofrimentos no mundo: "Perseguido e torturado como tenho sido e ainda sou, que mal pode a morte representar para mim?" (SHELLEY, 2016, p. 257). Sua lamúria compara-se tal qual a de Prometeu, que, consciente de sua imortalidade, prevê os castigos eternos aos quais está



demandado a padecer: “Contudo, o que digo? Se conheço previamente, / com exatidão todo o futuro, nenhum sofrimento / chegará a mim como novidade” (ÉSQUILO, 2018, p. 23, v. 101-103).

Quando Mary Shelley utiliza, no subtítulo de seu romance, *Prometeu moderno*, ela chama atenção à crítica do livro, tanto dos poetas prometeicos que conhecia intimamente, quanto de toda a ideologia romântica como ela a entendia. Shelley zomba desse Prometeu moderno, que transgride o papel de criador por pura ambição, pelo desejo íntimo de ocupar o papel de ser superior. A autora se utiliza dessa reminiscência mitológica não apenas para “mostrar a rebelião ou a audácia de desafiar os deuses, mas para contrastar a arrogância prometeica com a humildade sagrada face a natureza” (BRITO, 2017, p. 3-4).

De fato, grande parte das figuras de Prometeu alegorizadas pelos românticos representa rebeldes que arriscam tudo pelo conhecimento proibido, pela liberdade ou pelo poder. Byron celebra a incansável resistência de Prometeu aos poderes tirânicos de Zeus, tornando-o um símbolo do individualismo heroico. Para Byron, Prometeu incorpora a essência da experiência humana, que é capaz de se rebelar, mesmo perante o sofrimento contínuo de sua existência. O titã representado pelo poeta não oferece alternativa ao sofrimento humano, mas marca a característica heroica do indivíduo que se mantém resistente diante do sofrimento. Aproximando-se de Byron, Percy Shelley era um admirador do caráter heroico e revolucionário de Prometeu. O Prometeu de Shelley busca um caminho além dos ciclos perpétuos de dominação e tirania, proporcionando uma visão de um mundo sem tronos e altares.

Uma vez que “podemos notar uma coerência entre o trabalho de Byron e Shelley sobre o Titã, o trabalho de Mary Shelley não está propriamente centrado nele” (CORBEAU, 2013, p. 98)¹². Em meio a essas duas visões, Mary Shelley pondera sobre o ato transgressor alegorizado por essa figura mitológica. Pensando a transgressão, a autora segue uma terceira via, proporcionando uma reflexão sobre os caminhos e os excessos que guiam o percurso do herói, em vez de puramente enaltecê-los.

Sem ponderar os resultados de sua transgressão, Victor rejeita o fruto de sua desobediência e a abandona ao mundo. Frankenstein traz com seus atos uma torrente de males para os homens, uma vez que abandona seu papel de criador, antes pertencente à natureza, tornando-se indiferente à criação que trouxe ao mundo e aos males que causou a ela, e conseqüentemente à humanidade, provando ser uma concepção desviada do primeiro Prometeu, que se compadece e se sacrifica pela sua criação.

¹² No original: “(...) we can notice a coherence between the work of Byron and Shelley on the Titan, Mary Shelley's work is not properly centered on him.”



A crítica de Shelley parece residir não somente na transgressão, mas também no excesso que leva Frankenstein a cometer esse ato. A autora dá pistas de sua posição crítica com relação à arrogância de se buscar o conhecimento demasiado em diversas falas de seus personagens. O próprio Frankenstein, ao decidir contar sua trágica história para seu companheiro Walton, adverte para os perigos da busca excessiva ao conhecimento, que pode transformar o homem em uma vítima fatal de suas emboscadas: “Busca o conhecimento e a sabedoria, conforme eu mesmo fiz uma vez, e espero ardentemente que a satisfação de seus desejos não se torne uma serpente que o pique, como aconteceu comigo” (SHELLEY, 2016, p. 47).

Assim como Prometeu cometeu um erro conscientemente, aquele que é causador de toda a sua lamúria, Frankenstein, reconhece o seu desejo de transgressão às leis naturais como “impulso fatal que levou à minha ruína” (SHELLEY, 2016, p. 57). Com isso, Shelley adverte o leitor dos riscos e do perigo de se desejar incessantemente os conhecimentos ocultos, aconselhando o indivíduo a permanecer na sua condição de homem, contentando-se com ela: “(...) como é perigoso adquirir conhecimento, e quão mais feliz é o homem que acredita que sua cidade natal é o mundo, do que aquele que aspira tornar-se maior do que a sua natureza permite” (p. 77).

A crítica principal de Shelley concentra-se não somente na atitude transgressora de Victor, mas no desejo de glorificação e reconhecimento que o acompanha. Ao desejar a benção de uma nova espécie que iria “dever a existência a mim” (SHELLEY, 2016, p. 77) e a gratidão eterna dessas criaturas, Frankenstein confirma a teoria de que sua jornada em busca de conhecimento é motivada por uma glória egoísta, reforçada pelo desejo de mérito e de reconhecimento de todos, e não em prol do bem maior dos homens. Seu percurso é determinado por motivos mesquinhos e egoístas, que se reforça com seu desejo de superioridade sobre os demais.

Além disso, a crítica ao excesso e a desmedida causada pela incessante perseguição ao conhecimento são visíveis por toda a parte do texto. Os personagens de Shelley estão em constante embate com seus ideais de virtude e com a deturpação desses ideais, que é causada por esse conhecimento em demasia. Nessa passagem em específico, Shelley afirma toda a sua crítica ao excesso de poder pela sabedoria, que desvia a virtude humana e se torna um vício mortal, que prejudica não só o individual, mas a humanidade como um todo:

Um ser humano em busca de aperfeiçoamento deve sempre manter a mente calma e em paz, e jamais permitir que a paixão ou um desejo passageiro perturbe sua tranquilidade. Não creio que a busca do conhecimento seja uma exceção a essa regra. Se o estudo ao qual você se dedica apresenta uma tendência a



enfraquecer suas afeições e destruir seu gosto por aqueles prazeres simples, aos quais nada se pode misturar, então esse estudo com (...). (SHELLEY, 2016, p. 79)

(...) certeza é ilegítimo, ou seja, não é adequado à mente humana. Se esta regra fosse sempre observada, se nenhum homem permitisse que um objetivo, qualquer que fosse, interferisse com a tranquilidade de seus afetos familiares, a Grécia não teria sido escravizada, César teria poupado seus país, a América teria sido descoberta mais gradativamente, e os impérios do México e do Peru não teriam sido destruídos. (SHELLEY, 2016, p. 81)

O conhecimento que traz consigo uma perturbação da mente e das paixões é considerado por Shelley o maior responsável pelas tragédias que acometem os homens. Para a autora, o desvio da virtude é uma consequência direta da busca ávida pelo conhecimento, sendo essa deturpada ainda mais, quando acompanhada da ânsia ao poder. O homem facilmente se perde em meio ao turbilhão dos excessos causados por causa do conhecimento, sendo ele o responsável pelo controle de suas paixões e de seus excessos. Quando não há mais controle de suas emoções e o homem se entrega plenamente às paixões do excesso, não há mais legitimidade nessa busca.

É justamente por essa incapacidade do ser humano de controlar suas paixões egoístas diante do conhecimento que Shelley defende o indivíduo que não busca o excesso e que vive de acordo com sua condição. Para ela, somente se o homem vivesse de acordo com seus instintos e se o conhecimento adquirido fosse tão somente para sua sobrevivência, é que ele encontraria sua condição de vida ideal, uma vez que esta seria movida apenas pelo impulso da sobrevivência, e não mais pela glória e poder sobre os demais:

Se o homem se contentasse com seus instintos primordiais e não buscasse o conhecimento além do necessário para sua sobrevivência, uma torrente de males maiores seria facilmente evitada. Ai! Por que os homens ostentam uma sensibilidade superior à dos animais? Isso só os torna mais necessitados. Se nossos impulsos se resumissem à fome, sede e desejo, seríamos quase livres; mas somos agora movidos por cada vento que sopra e por uma palavra casual ou uma imagem que aquela palavra possa transmitir. (SHELLEY, 2016, p. 141)



Uma vez que o homem encontra-se preso nas armadilhas de sua busca pela sabedoria excessiva, constata-se que “a tristeza só aumentava com o conhecimento. (...). Que coisa estranha é o conhecimento! Uma vez que chegou até a mente, agarra-se a ela como o líquen numa rocha” (SHELLEY, 2016, p. 173). Victor demonstra que essa busca é um caminho sem volta, sendo o homem fadado a viver com as dores e os prazeres que o conhecimento carrega consigo. Uma vez iniciada a busca, Victor completa sua jornada e utiliza do conhecimento proibido para a satisfação de seus desejos. No fim, Frankenstein anseia pela libertação das consequências de sua transgressão, mas a culpa e o arrependimento serão seus companheiros eternos, estando ele eternamente preso em seus excessos:

(...) mas as garras do remorso dilaceravam meu peito e não abriam mão de sua presa. (SHELLEY, 2016, p. 121)

Em vez daquela serenidade de consciência, que me permitiria olhar para o passado com íntima satisfação, e dali reunir promessas de novas esperanças, fora tomado pelo remorso e sentimento de culpa que me arrastavam para um inferno de intensas torturas que nada poderia descrever. (SHELLEY, 2016, p. 131)

Shelley aparenta partir da premissa de que, embora a prática da transgressão seja necessária, se seguida por desejos ambiciosos, ela, no final, não traz consigo nenhum benefício para a humanidade, a não ser para aquele que o pratica. Victor seguiu seu desejo com veemência desde o começo, mas a consumação dos seus atos trouxe apenas desgraças. A autora faz uma crítica a esses desejos desmedidos, guiados pela ganância e pela glória, que podem trazer um prazer instantâneo, mas que acabam por se consumir em sofrimento: “Mas tal sentimento, que me suportava no início de minha carreira, serve agora só para mergulhar-me ainda mais no pó. Todas as minhas especulações e esperanças deram em nada; e, como o arcanjo que aspirava à onipotência, estou acorrentado a um inferno eterno” (SHELLEY, 2016, p. 301).

Shelley chega a comparar Frankenstein a um mártir, crítica direta à idealização do transgressor Prometeu, defendida com vigor pelos românticos de sua época. A crítica maior de Shelley reside nos excessos dos grandes mártires que, longe de almejarem o benefício comum, contentam-se na busca da glorificação individual. Para ela, essa figura de Prometeu, martirizada pelos românticos, apenas abrilhantava sua glória, apagando os excessos cometidos por eles, que, muitas das vezes, eram apenas seres arrogantes e audaciosos, ambicionando reconhecimento e poder:



Havia em minhas maneiras um frenesi, e, tenho a certeza, algo daquela audácia arrogante que, segundo se diz, os antigos mártires possuíam. Mas para um magistrado genebrês, cuja mente sem dúvida estava ocupada por ideias que nada tinham a ver com devoção e heroísmo, essa grandeza de espírito parecia-se muito com a loucura. (...). “Homem”, eu exclamei, “como mostrais ignorância no orgulho da tua sabedoria!” (SHELLEY, 2016, p. 287)

É visível que Shelley opõe-se à visão romantizada de Prometeu, parecendo mostrar uma visão hesiódica, no que se refere à crítica do ato transgressor de Victor. Tal crítica se faz presente não somente na busca excessiva do conhecimento e da usurpação do papel da natureza, mas nas consequências dessa busca ao coletivo, à humanidade. Como bem nota Dougherty: “Existe uma possessividade obsessiva nos motivos de Frankenstein como criador científico que enfraquece seus motivos alegadamente puros de benefício. O que começa como um ato de generosidade logo se transforma em um de controle” (DOUGHERTY, 2006, p. 113-114)¹³.

Essa jornada é considerada indigna de glorificação, se motivada pela arrogância, pela cobiça individual de glória e de reconhecimento. Shelley desafia novos olhares para Prometeu, sugerindo uma reflexão do poder criativo e da forma como ele tende a superar o comprometimento com a humanidade. Da mesma forma que Hermes adverte Prometeu sobre sua ousadia, Victor adverte Walton sobre a busca ambiciosa por glória: “Busque a felicidade e a tranquilidade, e evite a ambição, mesmo que seja a ambição aparentemente inocente de se distinguir nas ciências ou nas descobertas” (SHELLEY, 2016, p. 311) — conselho final de Shelley para os futuros mártires desavisados.

CONCLUSÃO

As novas e constantes releituras do mito de Prometeu reforçam a sua representação como símbolo mitológico de rebeldia e liberdade, contribuindo

¹³ No original: “There is an obsessive possessiveness to Frankenstein’s motives as scientific creator that undercuts his allegedly pure motives of benefaction. What starts off as an act of generosity soon turns into one of control.”



também para a sua aproximação da tópica da desobediência e da transgressão. O que o mito nos apresenta, no entanto, é que essa atitude desmedida encontra suas justificativas nos fins, no propósito nobre de salvação dos oprimidos, dos subjugados. Unindo-se aos demais símbolos culturais de revolta, Prometeu continua representando o ímpeto da rebeldia, tornando-se um mártir da liberdade política e criativa para os poetas ingleses do século XIX.

O romance *Frankenstein ou o Prometeu moderno* faz parte de um entrelaçamento de discursos míticos e científicos que ocorrem desde a Antiguidade, com a imagem do primeiro Prometeu. Mary Shelley apresenta sua crítica à glorificação excessiva desses mártires, que construíram sua fama por meio da glorificação de sua transgressão. Longe de abolir a figura necessária de tais indivíduos, a crítica da autora consiste na desobediência guiada pela ambição, que pretende reforçar o poder e promover a manutenção do controle, servindo apenas de reforço para uma nova forma de submissão. Frankenstein é esse indivíduo que se rebela e desobedece às regras, mas que continua servo, submisso ao seu próprio ego, proporcionando, com sua transgressão, nenhum ato benéfico para a humanidade em si, uma vez que visa apenas à glorificação pessoal.

A presença de recepções clássicas em *Frankenstein ou o Prometeu moderno* convida o leitor a meditar sobre tais preocupações mitológicas e aparentemente modernas, como a reflexão do homem plasmado por Prometeu, e a criação e concepção de humanidade advinda da transgressão. Mary Shelley propõe meditações sobre o processo criativo, como a extensão de seu poder e suas limitações, e até que ponto ele será contaminado pela arrogância prometeica, ou que benefícios ele trará para a humanidade. Por meio das transformações do mito de Prometeu, Frankenstein retém seu estatuto de mito moderno representativo da transgressão.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, T. C. *Frankenstein: the creation of a myth*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARNETT, S. Romantic Prometheus and the molding of Frankenstein. In: WEINER, J.; STEVENS, B. E.; ROGERS, B. M. *Frankenstein and its classics: the modern Prometheus from Antiquity to science fiction*. Londres: Bloomsbury Academic: 2018, p. 76-90.

BLOOM, H. *Bloom's modern critical views: Mary Wollstonecraft Shelley*. Londres: Bloom's Literary Criticism, 2009.

Scripta Alumni - Uniandrade, n. 23, 2020. ISSN: 1984-6614.

<http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).



BRITO, M. X. de. O Prometeu moderno e o monstro. In: SHELLEY, M. *Frankenstein*. São Paulo: DarkSide Books: 2017, p. 3-4.

CORBEAU, C. *Prometheus in the nineteenth century: from myth to symbol*. Londres: Routledge, 2013.

DOUGHERTY, C. *Prometheus*. Londres: Routledge, 2006.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentando*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2018.

_____. *Tragédias*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

FRASSEN, T. M. *Prometheus through the ages: from ancient trickster to future human*. Dissertação (Doutorado em Filosofia). University of Exeter, Reino Unido, 2014.

GAMA, R. Uma declaração de intenções: o mito de Prometeu. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 41, São Paulo, 1996, p. 135-140.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RIBEIRO, R. M. O prometeu moderno: a revolução técnico-científica em Frankenstein de Mary Shelley. *Anais do 2º Encontro Internacional História e Parcerias*, Rio de Janeiro, 2019, p. 1-12.

SHELLEY, M. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Tradução de Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2017.

SOTTOMAYOR, A. P. O fogo de Prometeu. *Hvmanitas*, v. 35, n. 18, Coimbra, mar. 2001, p. 130-140.

VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

